

Nedson Moreira Batista

DEUS:

COMO EU TE OBSERVO

VOLUME VII

ENTRE A ARENA E O RIBEIRO

O caminho, o peso e a presença na construção da própria casa



Monte Mor - São Paulo - Brasil · 2026

DEUS: COMO EU TE OBSERVO
VOLUME VII - ENTRE A ARENA E O RIBEIRO
Nedson Moreira Batista

Este volume nasce de orações, contemplações e pensamentos amadurecidos a partir das provações do último ano, incluindo a lembrança de um período de isolamento e oração em uma reserva ambiental. A primeira voz preserva o movimento emocional do pensamento. A segunda voz retorna depois, já como autor, sem equilibrar artificialmente o que foi dito. A terceira voz utiliza a Teoria da Compressão da Ignorância e da Perturbação Sistêmica (TCI) de forma breve, apenas quando a formalização acrescenta clareza.

As passagens em que uma fala ganha forma como se fosse dirigida ao autor pertencem à construção contemplativa e literária. Não são apresentadas como audição, profecia ou revelação. A fé é confessada pelo autor; a TCI permanece no plano da representação. Os detalhes sensoriais da reserva ambiental integram a elaboração literária a partir do ambiente descrito pelo autor e da fotografia registrada naquele contexto.

Copyright © 2026 Nedson Moreira Batista. Todos os direitos reservados. Fotografia de capa:
acervo pessoal do autor.

“Eu Te percebo. Agora, me conduza até a casa.”

— Nedson Moreira Batista

As três vozes no Volume VII

A VOZ I - PENSAMENTO

É a oração enquanto ainda acontece. Neste volume ela ocupa quase toda a página porque o caminho precisa ser sentido antes de ser explicado. Ela carrega suor, sede, mar, areia, sicômoro, montanha, bagagem, casa e silêncio. A letra cursiva preserva visualmente a distância entre a experiência viva e as vozes que chegam depois.

A VOZ II - O AUTOR

Retorna ao que eu disse sem a obrigação de criar um contraponto para cada frase. Sua função é reconhecer o movimento do pensamento, explicitar limites quando realmente existem e preservar a direção autoral. Ela não corrige a emoção para que o texto pareça mais equilibrado.

A VOZ III - A TCI

Entra como nota de método. O observador pertence ao sistema, carrega trajetória, memória e ignorância residual. A teoria não autentica a fala de Deus, não transforma contemplação em evidência e não reduz fé a equação. Ela apenas ajuda a distinguir estado, trajetória, representação e realidade.

Prefácio - No meio do caminho

Eu terminei o volume anterior olhando para uma casa. Neste, eu descobri que entre a arena e a casa existe um caminho que eu tinha subestimado.

Talvez eu imaginasse que bastaria sair. A arena representava o lugar em que a dor recebia plateia, em que o corpo precisava sobreviver enquanto vozes externas ganhavam tamanho demais. A casa apareceu como direção: construir, cuidar dos filhos, recuperar o jardim, proteger o hoje. Só que a decisão de ir embora não me colocou imediatamente na porta de casa.

Existe um trecho entre os dois lugares.

Foi nesse trecho que este livro nasceu.

Eu me vi cansado, carregando coisas que não queria mais carregar, desejando um manual, um GPS, uma instrução exata. Voltei a uma lembrança concreta: um período em que me isolei numa reserva ambiental. Havia uma praia extensa, quase sem presença humana. O mar estava diante de mim. O vento existia. A paisagem oferecia beleza. E eu não conseguia receber aquela beleza como esperava. Por dentro havia calor, peso, afronta, tristeza.

A fotografia da capa pertence a esse ambiente. Quando olho para ela, eu me vejo diante de uma paisagem calma e lembro do que não aparece na fotografia: por dentro, eu ainda estava lutando.

A partir dessa lembrança, a oração começou a construir outras cenas. Um sicômoro apareceu como lugar de distância da multidão. Uma montanha apareceu como esforço. A bagagem ganhou peso. A casa podia ser vista de longe. E, quando eu pedi um manual, surgiu dentro da contemplação uma fala que eu não apresento como revelação: eu não quero te dar um GPS; eu quero caminhar com você.

Foi daí que o livro começou a encontrar o próprio caminho.

Eu não cheguei à casa no final. Não vou fingir que cheguei. A obra continua. O cansaço não desapareceu porque a página precisava terminar. A arena ficou para trás o suficiente para eu enxergar outra coisa diante de mim: existe caminho. Eu ainda estou nele. E isso já mudou a maneira como eu olho para a distância.

Sumário

PARTE I - ENTRE A ARENA E O RIBEIRO

Capítulo 1 - Sair da arena também é uma luta

Capítulo 2 - No meio do caminho

Capítulo 3 - O sicômoro

Capítulo 4 - Eu não quero falar do outro

PARTE II - O CAMINHO QUE NÃO CABE NUM GPS

Capítulo 5 - Eu queria um manual

Capítulo 6 - O peso nas costas

Capítulo 7 - O mar diante de mim, o calor dentro de mim

Capítulo 8 - A casa que eu consigo ver

PARTE III - UMA PRESENÇA QUE CAMINHA

Capítulo 9 - Eu não quero te dar um GPS

Capítulo 10 - Segura na minha mão

Capítulo 11 - Deixa parte da bagagem

Capítulo 12 - O leão não está mais lá

PARTE IV - CONSTRÓI ESTA CASA COMIGO

Capítulo 13 - A Palavra no caminho

Capítulo 14 - Ainda há cansaço

Capítulo 15 - Arquiteto da minha casa

Capítulo 16 - Eu vim para um lugar perfeito e tudo o que consigo é chorar

Epílogo - Ainda estou a caminho

Caderno conceitual - TCI neste volume

Referências

Sobre o autor

PARTE I

ENTRE A ARENA E O RIBEIRO

*Sair do lugar da dor não significa que o caminho já esteja livre. Às vezes a arena fica para trás,
mas o corpo ainda escuta a plateia.*

CAPÍTULO 1

Sair da arena também é uma luta

VOZ I • PENSAMENTO

Pai.

Eu achei que sair da arena seria simplesmente virar as costas e caminhar. Na minha cabeça, bastaria decidir: eu não fico mais aqui. Eu não vou mais organizar meus dias ao redor das flechas, da plateia, do barulho, daquilo que disseram de mim. Eu volto para a minha casa. Eu volto para o que é meu. Eu volto para a construção.

Mas eu estou descobrindo que existe um caminho entre uma coisa e outra.

E esse caminho cansa.

A arena ficou atrás de mim, Senhor, mas às vezes eu ainda escuto o som dela. Eu caminho e parece que alguém grita meu nome lá de longe. Parece que jogam outra provocação apenas para saber se eu vou olhar. Parece que querem descobrir se ainda existe alguma parte de mim disposta a voltar, a explicar, a responder, a provar, a defender cada pedaço da minha história diante de gente que talvez nem esteja interessada em compreender.

Eu não quero voltar.

Eu quero construir a minha casa.

A casa na rocha não aparece pronta só porque eu decidi deixar a arena. Eu sei disso agora. Existe fundação. Existe pedra pesada. Existe medida. Existe coisa torta que precisa ser refeita. Existe material espalhado. Existe poeira. Existe um terreno que ainda carrega marcas da tempestade. Eu chego cansado e a obra continua me esperando.

Senhor, me dá força para não confundir o barulho que vem de trás com um chamado para retornar.

Eu sei que a maldade existe. Eu sei o que já me alcançou. Eu sei as afrontas que me fizeram parar no meio do dia para respirar. Eu sei quantas vezes eu estava tentando fazer alguma coisa simples e uma lembrança atravessou tudo. Eu sei o que é sentir que a própria vida precisa disputar espaço com aquilo que fizeram contra nós.

Mas eu não quero que essa disputa seja a minha moradia.

Eu quero que a minha moradia seja a casa.

Quero que o meu pensamento aprenda de novo o caminho do quintal, da mesa, dos meus filhos, dos livros, das coisas que ainda quero construir. Quero que a minha mente volte a conhecer o som de uma tarde comum. Quero sentar sem precisar imaginar quem está

me observando. Quero fazer planos que não tenham como centro a necessidade de responder a ninguém.

Pai, eu sinto que estou indo. Devagar, mas estou indo.

E talvez hoje a minha oração seja só essa: não me deixa voltar para a arena porque alguém ainda está gritando lá dentro.

VOZ II • O AUTOR

Quando releio esse pensamento, percebo que eu tinha transformado a saída da arena numa decisão pontual. Aqui ela ganha duração. Sair deixa de ser um gesto e vira uma prática repetida: continuar andando quando algo tenta recolocar a atenção no lugar que eu quero abandonar.

VOZ III • A TCI

Na TCI, uma perturbação pode continuar causalmente ativa mesmo depois que o agente muda de ambiente. A trajetória carrega memória. Mudar de região não apaga imediatamente os efeitos acumulados: estado atual e persistência causal não são a mesma coisa.

CAPÍTULO 2

No meio do caminho

VOZ I • PENSAMENTO

Senhor Jesus, eu quero voltar para a construção da minha casa, mas hoje eu preciso admitir uma coisa: eu estou no meio do caminho.

Eu consigo ver para onde quero ir. Isso talvez seja o que mais dói. Se eu não enxergasse a casa, talvez o cansaço fosse diferente. Mas eu enxergo. De algum ponto desse caminho eu consigo imaginar a janela, o terreno, o jardim sendo recuperado. Consigo ver uma cadeira colocada perto da sombra. Consigo imaginar a água correndo mais adiante. E, ainda assim, eu não cheguei.

O sol está alto.

A garganta seca.

O calor entra pela pele e parece alcançar a alma.

Eu caminho com a sensação de que a poeira gruda no suor. Às vezes o passo fica curto. Eu olho para frente, depois para trás, e não quero fazer nenhuma dessas duas coisas por muito tempo. Para trás existe o lugar de onde eu saí. Para frente existe aquilo que eu ainda não alcancei.

Então eu fico aqui.

Entre a arena e o ribeiro.

Há dias em que não existe brisa suficiente para deixar a paisagem bonita. Há dias em que os pássaros parecem longe. Há dias em que a oração não vem com música, vem com sede. E eu não quero transformar isso numa cena mais bonita do que ela é.

Está difícil, Pai.

Eu queria caminhar com elegância. Queria que o meu processo tivesse uma sequência que eu pudesse explicar depois: aconteceu isso, eu aprendi aquilo, virei a página, recomecei. Mas a vida não está se comportando desse jeito. Eu avanço e lembro. Eu decido e me irrita. Eu oro e depois sinto raiva. Eu digo que não quero mais falar sobre o outro e, de repente, a ferida me puxa para o assunto outra vez.

Eu não quero fingir que isso não acontece.

Só quero pedir que o Senhor não me deixe construir uma casa no meio do caminho por medo de continuar.

Esse lugar é passagem.

Eu posso sentar um pouco. Posso beber água. Posso colocar a bagagem no chão. Posso chorar com o rosto quente e os olhos ardendo. Posso dizer que estou cansado. Só não quero confundir descanso com desistência.

Pai, fica aqui comigo enquanto eu descanso.

Depois nós continuamos.

VOZ II • O AUTOR

O meio do caminho aparece aqui sem solução imediata. Eu não o transformo em vitória antecipada. O descanso não precisa ser interpretado como recuo nem como chegada. Ele existe como estado real de uma travessia que ainda não terminou.

VOZ III • A TCI

Um sistema pode ocupar estados intermediários sem que eles definam o atrator final da trajetória. A TCI ajuda a não converter um instante de exaustão em descrição total do percurso: $M(t)$ é recorte, não destino.

CAPÍTULO 3

O sicômoro

VOZ I • PENSAMENTO

Talvez hoje eu esteja como Zaqueu, Senhor.

Cansado da multidão.

Eu penso naquele sicômoro e não penso primeiro na altura. Penso na sombra. Penso no tronco que recebe o peso do corpo. Penso nas folhas fazendo um barulho baixo quando o vento consegue chegar. Penso na possibilidade de subir só para enxergar sem precisar ficar espremido entre tantas vozes.

Eu sei que a história de Zaqueu é outra. Eu sei. Mas hoje essa imagem me alcança de um jeito meu.

A multidão cerca.

Há muita fala. Muito julgamento. Muita interpretação. Muita gente tentando decidir o que uma pessoa é a partir de uma parte pequena daquilo que viu. E eu sinto vontade de subir um pouco. Não para ficar acima de ninguém. Eu só queria uma distância suficiente para respirar e olhar para o Mestre.

Senhor, eu não quero o Mestre só para mim.

Eu sei que o Evangelho não é propriedade particular. Eu sei que a Tua presença não foi feita para caber dentro das minhas necessidades. Mas eu também quero o Mestre.

Eu também estou aqui.

Eu também quero Te ver passar.

E, se for possível, eu queria que o Senhor olhasse para cima.

Não porque eu precise de uma cena extraordinária. Eu só queria a paz de saber que, no meio de tanta gente, eu não desapareci. Eu queria descer dessa árvore sem precisar me defender. Queria caminhar contigo até a minha casa e, antes de chegar, conversar sobre os planos.

Talvez eu te mostre onde quero colocar o jardim. Talvez eu diga que algumas plantas ainda não sei se recupero ou se retiro. Talvez eu te mostre o lugar onde a água da chuva entrou. Talvez eu fale dos meus filhos. Talvez eu fique em silêncio por alguns minutos.

E a multidão?

Pai, eu queria que ela encontrasse alguma coisa para fazer com a própria vida.

Um sonho. Um trabalho. Uma construção. Um pedaço de terra. Uma música. Um filho para abraçar. Uma oração que não dependa da minha queda para existir.

Eu não digo isso com delicadeza fabricada. Eu estou cansado.

Hoje eu queria só descer do sicômoro e ir para casa contigo.

VOZ II • O AUTOR

O sicômoro funciona como distância. Não é superioridade; é tentativa de recuperar campo visual quando a experiência parece ocupada demais por vozes externas. A imagem preserva o cansaço sem exigir que ele se torne uma lição moral perfeitamente equilibrada.

VOZ III • A TCI

A posição do observador altera o conjunto de propriedades acessíveis. Mudar o ponto de observação não modifica toda a realidade R , mas modifica o modelo M que se torna possível construir a partir dela.

CAPÍTULO 4

Eu não quero falar do outro

VOZ I • PENSAMENTO

Pai querido, deixa eu sentar aqui embaixo desse sicômoro.

Eu quero falar um pouco mais.

Mas hoje eu não quero falar do outro.

Isso é difícil porque a dor sempre oferece nomes. Ela oferece cenas. Ela oferece frases exatas. Ela sabe reproduzir o tom de voz. Ela sabe voltar para uma conversa antiga e reconstruir até a posição das pessoas dentro de uma sala que eu nem conheço. Minha mente tenta imaginar como começaram certas histórias sobre mim. Quem falou primeiro. Quem acrescentou. Quem acreditou. Quem se calou. Quem levou adiante.

Eu poderia passar horas nisso.

E talvez por muito tempo eu tenha passado.

Mas hoje eu quero falar de mim.

Quero falar do meu cansaço sem transformar a oração num processo contra alguém. Quero falar do que ficou em mim. Quero falar do pedaço da alma que ainda se assusta quando alguma coisa parece repetir uma afronta antiga. Quero falar da dificuldade de voltar ao trabalho depois de uma notícia ruim. Quero falar de como o corpo sente coisas que a boca tenta minimizar.

Eu quero falar da minha vontade de chegar em casa.

Tenho um jardim para recuperar.

Não sobrou tudo.

Eu sei.

Tem lugar em que a terra está exposta. Tem galho que ainda precisa ser cortado. Tem um canteiro que talvez fique vazio por um tempo. Eu não quero apressar a flor só porque o vazio me incomoda. Eu posso olhar para a terra sem inventar cor.

Também existe coisa viva.

Eu quero cuidar dela.

Pai, quando eu voltar a falar do outro, me lembra que eu pedi isso aqui: traz meu olhar de volta para dentro. Não para me culpar pelo que não fiz. Não para chamar de erro aquilo que eu sei que não foi meu. Mas para não entregar toda a arquitetura da minha vida a pessoas que não vão morar nela.

Essa casa é minha responsabilidade diante de Ti.

Eu quero construí-la.

Mesmo cansado.

Mesmo ainda lembrando.

Mesmo sem entender tudo.

VOZ II • O AUTOR

Este capítulo marca uma mudança de objeto. A realidade externa não é negada, mas deixa de receber toda a energia narrativa. O que me interessa aqui é a região sobre a qual ainda existe possibilidade concreta de trabalho: a minha própria construção.

VOZ III • A TCI

Atenção é um recurso de modelagem. Quando um conjunto de perturbações monopoliza o campo observacional, outras propriedades de R ficam sub-representadas. Reorientar a atenção não apaga causas externas; muda o que o sistema consegue atualizar em M.

PARTE II

O CAMINHO QUE NÃO CABE NUM GPS

*Eu queria uma rota limpa. Encontrei morros, lama, peso e uma casa que podia ser vista de longe,
mas ainda não alcançada.*

CAPÍTULO 5

Eu queria um manual

VOZ I • PENSAMENTO

Senhor, eu queria ter uma receita de bolo para isso.

É até estranho dizer assim, depois de tudo que já escrevi sobre bolo, mas eu queria mesmo. Uma sequência. Primeiro faça isso. Depois faça aquilo. Espere tantos minutos. Se der errado, volte duas etapas. Se a tristeza aumentar, reduza a temperatura. Se alguém provocar, aperte um botão e siga pela rota alternativa.

Eu queria um manual da vida.

Queria abrir numa página chamada: como sair da arena e voltar para a própria casa.

Seria confortável.

Também seria mentira.

Nossa, parece muito coach quando alguém fala do caminho como se bastasse decidir. "Foque em você." "Ignore." "Siga em frente." "Não olhe para trás." Eu conheço as frases. Algumas talvez tenham uma parte verdadeira. Mas nenhuma delas consegue carregar o peso de uma noite em que a mente não desliga. Nenhuma frase curta sabe exatamente o que fazer quando uma palavra antiga volta no meio de uma manhã comum.

Eu queria um GPS.

Colocaria: destino - casa.

E ouviria uma voz tranquila: siga em frente por trezentos metros. Vire à direita. Evite a arena. Em caso de provocação, recalculando rota.

Eu até sorrio pensando nisso.

Mas a verdade é absurdamente diferente, Pai.

O caminho parece curto quando eu olho no mapa que inventei. Só que, quando começo a andar, aparecem morros. Depois uma subida mais longa. Depois pedra. Depois espinho. Depois barro. Depois um trecho em que eu não sei se estou avançando ou apenas gastando força para não escorregar.

Eu queria uma vida com legenda.

Não tenho.

Tenho esse caminho.

Tenho meus pés.

Tenho o que consigo carregar.

Tenho a Tua Palavra.

E tenho a pergunta que continua andando comigo: como eu chego até a casa sem voltar a morar na dor?

Hoje eu ainda não sei responder.

Por isso estou perguntando.

VOZ II • O AUTOR

Eu rejeito aqui a simplificação do percurso porque ela não corresponde ao que vivi. A ausência de manual não é uma pose literária; é a confissão de que decisões corretas não produzem automaticamente trajetórias fáceis.

VOZ III • A TCI

Modelos prescritivos comprimem variáveis. Um "manual" funciona apenas quando as condições relevantes permanecem dentro do domínio previsto. Em sistemas humanos, contexto, memória e perturbações não observadas mantêm ignorância residual; por isso, rota e realidade raramente coincidem integralmente.

CAPÍTULO 6

O peso nas costas

VOZ I • PENSAMENTO

Pai, quando eu comecei a subir, percebi o peso.

Na arena eu já estava carregando, mas talvez o barulho não deixasse sentir. Quando tudo fica mais silencioso, o corpo começa a reconhecer o que trouxe.

Tem coisa antiga nessa bagagem.

Decepções.

Amores que eu entreguei e que não voltaram do jeito que imaginei.

Mágoas.

Mentiras.

Palavras ditas sobre mim que eu ainda não consigo compreender de onde vieram.

Comparações que tentaram me reduzir a uma fila em que eu sempre deveria estar no final.

Frases que diminuíram o meu tempo, como se alguém pudesse olhar para a minha idade, para a minha história, para os meus atrasos e decretar que já não havia possibilidade suficiente para construir coisa alguma.

Tudo isso pesa de um jeito estranho.

Não pesa como pedra comum. Pedra eu coloco no chão e vejo. Esse peso às vezes parece estar dentro dos ombros. Eu ando e ele anda comigo. Eu durmo e ele se deita perto. Eu acordo e, antes mesmo de lembrar conscientemente, o corpo já sabe que existe alguma coisa para carregar.

Senhor, eu não quero levar tudo até a casa.

Algumas coisas talvez tenham atravessado a minha história e não vão desaparecer só porque eu pedi. Eu entendo isso. Mas eu não quero colocar cada uma delas dentro da sala. Não quero construir um quarto para a humilhação. Não quero dar uma chave para a comparação. Não quero reservar uma cadeira à mesa para toda mentira que já inventaram.

Eu queria abrir essa bagagem aqui.

Não caminho.

Sem plateia.

E começar a escolher.

Isso fica porque me ensinou alguma coisa sobre limite.

Isso eu deixo porque só pesa.

Isso ainda não consigo soltar.

Isso talvez eu carregue por mais um trecho.

Pai, me ajuda a não ter vergonha de admitir que algumas coisas ainda estão comigo.

Mas também não me deixa chamar de identidade aquilo que é apenas carga.

VOZ II • O AUTOR

A bagagem não é tratada como erro moral. Parte dela é consequência de trajetória. O movimento do capítulo é seletivo: eu não prometo esquecer tudo, mas começo a decidir o que pode ou não receber lugar permanente na casa que pretendo construir.

VOZ III • A TCI

Persistência causal significa que estados anteriores deixam traços no sistema. Esses traços podem informar decisões futuras sem precisar dominar toda a representação. Memória de perturbação e identidade do sistema não são equivalentes.

CAPÍTULO 7

O mar diante de mim, o calor dentro de mim

VOZ I • PENSAMENTO

Nos dias mais difíceis, Senhor, eu me isolei.

Fui para um lugar tranquilo.

Uma reserva ambiental.

A praia era extensa e parecia ainda maior porque não havia ninguém. Nenhuma embarcação cortando o horizonte. Nenhuma conversa atravessando o som da água. Nenhuma música vindo de longe. Eu estava ali com o mar, o vento e aquilo que eu tinha levado dentro de mim.

A água vinha e voltava.

Vinha e voltava.

A espuma se desfazia perto dos meus pés. A areia molhada guardava reflexos do céu. Em alguns lugares, o vento riscava a superfície como se estivesse escrevendo uma coisa que a próxima onda apagaria. Um pássaro passou alto, sozinho por alguns segundos, até se tornar pequeno demais para eu acompanhar. Mais adiante havia pedra, vegetação baixa, uma flor pequena agarrada perto de onde a terra parecia menos generosa.

Tudo era bonito.

E eu não conseguia estar bonito por dentro.

A brisa batia no meu rosto, mas mentalmente eu sentia calor.

O ar estava bom, mas dentro de mim estava pesado.

A temperatura era agradável, mas eu sentia a pele queimando de cansaço.

Essa contradição me marcou. Eu estava fisicamente cercado pelo melhor do ambiente e, ainda assim, não conseguia receber aquilo por inteiro.

Eu olhava para a imensidão da água e via o tamanho do peso da mente.

Chorei.

Não um choro bonito para fotografia. Chorei do jeito que o corpo chora quando já tentou organizar demais as palavras. Às vezes eu olhava para o horizonte. Às vezes baixava a cabeça. Às vezes só escutava a onda quebrar e pensava: Pai, eu queria conseguir sentir o que está diante de mim.

Eu não conseguia.

E eu não quero apagar isso da lembrança. Porque naquele dia a natureza não me curou por obrigação. O mar não resolveu minha vida porque era bonito. A reserva não exigiu de mim gratidão estética. Ela apenas ficou ali.

E eu fiquei também.

Talvez isso já tenha sido alguma forma de companhia.

VOZ II • O AUTOR

A paisagem não é usada como cura automática. Ela não corrige o estado interno. Esse contraste é central: o ambiente pode oferecer silêncio, beleza e espaço sem que a mente consiga imediatamente convertê-los em alívio.

VOZ III • A TCI

Ambiente e estado interno são variáveis relacionadas, mas não idênticas. Uma entrada ambiental favorável pode não produzir resposta imediata quando o sistema carrega perturbações acumuladas. O observador participa da cena com sua própria trajetória.

CAPÍTULO 8

A casa que eu consigo ver

VOZ I • PENSAMENTO

Pai, daqui eu consigo enxergar a casa.

Não sei se ela existe do jeito que a minha imaginação desenha. Talvez seja mais correto dizer que eu consigo enxergar a possibilidade dela.

A cabana está ali, como esteve em outros pensamentos. Mas agora eu olho para o lado e quero mais do que abrigo temporário. Eu quero construção.

Eu quero uma casa.

Quero uma casa que tenha estrutura suficiente para permanecer quando chover. Quero uma janela que abra para algum lugar onde eu consiga ouvir água. Quero um pedaço de chão em que eu possa plantar sem esperar que tudo floresça de uma vez. Quero um espaço onde meus filhos saibam que podem chegar. Quero uma mesa que não precise ser perfeita para reunir quem eu amo.

Eu quero olhar para dentro de mim e saber que existe fundação.

Hoje eu ainda não consigo dizer "nada me afeta". Talvez eu tenha pedido isso no auge do cansaço. A verdade é que afeta. Palavras afetam. Decepções afetam. Uma mentira repetida pode doer. Uma comparação pode voltar à mente. Eu não quero negar isso.

O que eu quero é que nada disso seja capaz de mudar o endereço da minha construção.

Pode doer e eu continuo.

Pode me fazer parar um pouco e eu continuo.

Pode me fazer chorar diante do mar e eu continuo.

Eu não quero que uma palavra dita para me diminuir seja a palavra final sobre o meu tamanho. Não quero que alguém reduza meus dias dizendo que já passou meu tempo. Não quero construir minha vida usando a régua de quem me colocou no último lugar.

Eu vejo a casa.

Ela ainda está longe.

Mas hoje isso não me humilha.

Hoje isso me orienta.

VOZ II • O AUTOR

Aqui eu faço uma correção que nasce da própria reflexão: não preciso me tornar imune para construir. A casa não representa invulnerabilidade. Ela representa direção, estrutura e continuidade apesar do que ainda consegue me afetar.

VOZ III · A TCI

Robustez não exige perturbação zero. Um sistema pode manter direção e identidade dinâmica mesmo sofrendo alterações locais. A questão deixa de ser "nada muda" e passa a ser "o que preserva a trajetória apesar das mudanças?"

PARTE III

UMA PRESENÇA QUE CAMINHA

Eu pedi um mapa. Na contemplação, o que surgiu não foi uma rota pronta, mas a imagem de uma presença que não entrega coordenadas e vai junto.

CAPÍTULO 9

Eu não quero te dar um GPS

VOZ I • PENSAMENTO

Senhor, o que eu faço?

Foi quando essa pergunta veio que aconteceu uma coisa difícil de explicar.

Eu não chamo de revelação. Não chamo de voz audível. Não digo que o céu se abriu. Foi contemplação. Uma fala construída no lugar mais profundo em que memória, fé, consciência e desejo se encontram. Uma frase ganhou forma dentro de mim como se eu estivesse ouvindo aquilo que eu precisava conseguir pensar.

Filho, eu sei que é difícil carregar toda essa bagagem.

E justamente por isso você precisa deixar parte dela.

Não tudo.

Algumas coisas você ainda vai levar.

Eu parei nessa imagem porque ela não me prometia um desaparecimento mágico da dor. Ela não dizia que eu seria outra pessoa no minuto seguinte. Ela reconhecia o peso e, ao mesmo tempo, dizia: escolha alguma coisa para colocar no chão.

Depois veio outra frase.

Eu não quero te dar um manual.

Eu não quero te dar um GPS.

Eu quero caminhar com você.

Isso mexeu comigo, Pai.

Porque eu tinha pedido exatamente a rota. Eu queria informação. Queria antecipação. Queria saber onde viria o barro, onde a montanha ficaria mais íngreme, em que ponto alguém tentaria me provocar, quanto tempo faltava para a casa.

E a imagem que nasceu em mim não respondia nada disso.

Ela colocava companhia no lugar do controle.

Talvez eu ainda prefira o GPS em alguns dias.

Seria mais fácil.

Mas hoje eu consigo perceber a beleza dessa outra possibilidade: não saber tudo e não estar sozinho.

VOZ II • O AUTOR

Eu faço questão de preservar a natureza dessa passagem. É uma construção contemplativa, não uma reivindicação de fala divina objetiva. Literariamente, porém, ela é decisiva porque muda a pergunta: em vez de buscar apenas instrução, eu começo a pensar em presença.

VOZ III • A TCI

A TCI não autentica experiências religiosas. Ela apenas permite descrevê-las como modelos construídos por um observador situado. Uma representação pode ter função existencial real sem ser confundida com acesso integral ou demonstrável à totalidade de R.

CAPÍTULO 10

Segura na minha mão

VOZ I • PENSAMENTO

Enquanto eu ainda estava sentado na sombra daquela imagem, veio outra coisa.

Levanta.

Existem momentos em que não é para descansar.

Eu quase reclamei.

A árvore estava boa. A sombra estava boa. Depois de tanta subida, eu queria ficar ali mais um pouco. Mas, dentro da contemplação, a caminhada continuava.

Levanta. Deixa parte da bagagem. Quando a montanha ficar muito íngreme, segura na minha mão. Eu vou te puxar.

Pai, eu pensei numa mão.

Não numa teoria sobre mão.

Não numa frase bonita sobre cuidado.

Uma mão.

Aquele gesto simples de quem está alguns passos acima e estende o braço para quem ainda está procurando apoio com o pé. Eu consigo ver a terra solta. Consigo imaginar a pedra pequena descendo quando a sola procura firmeza. Consigo sentir o corpo inclinar para frente porque a subida exige mais força do que eu gostaria de admitir.

E a mão está ali.

Eu não sei se a montanha diminuiu.

Na minha imagem, não diminuiu.

Ela continuou íngreme.

Talvez seja isso que torna a cena importante para mim. Eu não precisava que a montanha fingisse ser plana. Eu precisava não escorregar sozinho.

Senhor, eu te chamei muitas vezes quando tudo ficou confuso. Quando já estava difícil. Quando a cabeça não conseguia organizar. Mas essa contemplação me fez pensar numa presença anterior ao desespero.

Caminha comigo também quando eu estiver bem.

Caminha comigo antes da subida.

Caminha comigo quando eu estiver escolhendo material para a casa.

Caminha comigo quando eu estiver rindo.

Eu não quero lembrar de Ti apenas como socorro de emergência.

Eu quero reconhecer Tua presença no percurso inteiro.

VOZ II • O AUTOR

A imagem da mão não elimina esforço. Eu continuo subindo. Essa é talvez a razão de ela me representar melhor do que uma cena em que sou simplesmente transportado para o destino. Há ajuda, mas ainda existe caminhada.

VOZ III • A TCI

Cooperação altera a dinâmica de um sistema sem eliminar sua agência. Na linguagem da TCI, novas relações modificam o conjunto de possibilidades acessíveis ao agente; assistência não equivale a substituição integral do processo.

CAPÍTULO 11

Deixa parte da bagagem

VOZ I • PENSAMENTO

Pai, eu abro a mochila de novo.

Eu sei que essa imagem já apareceu, mas algumas coisas só mudam quando voltamos nelas.

Eu tiro uma comparação.

Coloco no chão.

Tiro uma frase que disse que eu era menos.

Coloco no chão.

Tiro uma conversa imaginada, dessas que eu reconstruo sem ter estado lá, tentando entender como alguém decidiu inventar alguma coisa a meu respeito.

Essa eu seguro por mais tempo.

Ainda dói.

Depois coloco no chão também.

Eu não sei se vou voltar e pegar de novo amanhã. Talvez. Eu não quero prometer aquilo que ainda não sei cumprir. Mas hoje ela fica aqui.

Tiro o peso de ter que convencer todos os observadores.

Esse é pesado.

Eu gastei força demais querendo que pessoas vissem a minha intenção exatamente como eu a conhecia. Eu queria controlar a leitura. Queria corrigir cada interpretação. Queria explicar cada silêncio, cada palavra, cada gesto.

Não consigo.

Então deixo um pouco disso aqui.

Eu continuo levando a minha história. Continuo levando o que aprendi. Continuo levando prudência. Continuo levando memória suficiente para não caminhar como se nada tivesse acontecido.

Mas eu não preciso levar o tribunal inteiro.

Pai, me ajuda a perceber a diferença entre memória e prisão.

Eu não quero apagar o caminho.

Quero conseguir caminhar sobre ele.

VOZ II • O AUTOR

A repetição da bagagem é intencional. Eu não a resolvo numa única cena porque o próprio material bruto mostra que o peso volta. O processo de soltar aparece como escolha que pode precisar ser refeita.

VOZ III • A TCI

Atualização de modelo é iterativa. Uma propriedade que perde peso em $M(t)$ pode voltar a ganhar proeminência sob nova perturbação. Mudança não exige irreversibilidade imediata; exige capacidade de reconfiguração ao longo da trajetória.

CAPÍTULO 12

O leão não está mais lá

VOZ I • PENSAMENTO

Nem ouse voltar para a arena.

Essa frase surgiu dura dentro de mim.

Não delicada.

Dura.

Quando tentarem te colocar lá de novo, continua andando.

Uma hora eles cansam de gritar.

Uma hora vão perceber que aquele leão não está mais lá.

Eu voltei a enxergar a arena do volume anterior. As arquibancadas. A areia. O corpo ferido. A respiração curta. A expectativa de quem queria espetáculo.

Só que agora eu olho e vejo uma coisa diferente.

A arena pode continuar existindo sem mim.

A plateia pode chegar e não encontrar o personagem que esperava.

Podem gritar para um espaço vazio.

Essa imagem me dá uma espécie de liberdade que eu ainda estou aprendendo a usar.

Porque durante muito tempo eu achei que, se alguém chamasse, eu precisava comparecer. Se acusasse, eu precisava responder. Se provocasse, eu precisava provar autocontrole vencendo a provocação dentro da própria arena.

Talvez a maior resposta seja não entrar.

Eu não digo isso como estratégia para vencer ninguém.

Eu digo porque eu tenho para onde ir.

Tenho uma casa em construção.

Tenho uma montanha para atravessar.

Tenho água para encontrar.

Tenho filhos.

Tenho coisas para escrever.

Tenho uma vida que não pode continuar dependendo do horário de funcionamento da arena.

Senhor, quando eu ouvir meu nome sendo chamado de lá, me lembra que eu já saí.

VOZ II • O AUTOR

O leão continua como símbolo de um estado antigo, mas deixa de ser identidade. A imagem mais importante aqui é a arena vazia: o ambiente de conflito pode permanecer disponível sem que eu continue ocupando o papel que ele oferece.

VOZ III • A TCI

Identidade como processo impede reduzir o agente a um estado anterior. O fato de M ter sido organizado pela arena em t1 não obriga o sistema a manter a mesma organização em t2. Trajetória contém continuidade e transformação.

PARTE IV

CONSTRÓI ESTA CASA COMIGO

A caminhada não terminou. A oração também não. A casa aparece como obra, e eu peço a Deus que esteja dentro do projeto, não apenas no socorro depois da tempestade.

CAPÍTULO 13

A Palavra no caminho

VOZ I • PENSAMENTO

Senhor, eu vou ser sincero.

É muito bom quando, no meio do cansaço, alguma parte da Tua Palavra volta à memória.

Eu não quero usar a Bíblia como frase pronta para cobrir a dor. Eu já sei que uma frase bonita não seca automaticamente o chão. Mas há momentos em que uma palavra antiga encontra exatamente o lugar em que eu estou e parece acender uma pequena luz no caminho.

Eu lembro do profeta dizendo para não permanecer preso somente às coisas passadas, porque Deus anuncia coisa nova e abre caminho onde parecia não haver caminho. Lembro de Paulo dizendo que, em Cristo, as coisas antigas passam e uma nova criação se torna possível. Lembro também daquela frase que me atravessa de outro jeito: já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim. Lembro dele dizendo que, para ele, viver é Cristo e morrer é lucro. Lembro da graça aparecendo maior onde o pecado parecia ocupar tudo. Lembro do salmista atravessando o vale da sombra da morte sem fingir que o vale não existia, sustentado pela certeza de que Deus estava com ele. E lembro de Jesus dizendo que no mundo haveria aflições e, ainda assim, chamando à coragem. (Is 43:18-19; 2Co 5:17; Gl 2:20; Fp 1:21; Rm 5:20; Sl 23:4; Jo 16:33.)

Essas lembranças não tornam o caminho plano.

Mas me fazem levantar o rosto.

Eu gosto disso, Pai.

Gosto de perceber que a fé não precisa negar a montanha para me fazer continuar subindo.

Gosto de lembrar que pessoas da Bíblia também viveram espera, medo, perseguição, dúvida, perda, cansaço, prisão, deserto.

Eu não preciso inventar um Evangelho em que ninguém sua.

Eu estou suando.

Ainda estou cansado.

E ainda assim consigo caminhar com uma Palavra guardada.

VOZ II • O AUTOR

Aqui a Escritura aparece como memória espiritual e não como mecanismo de negação. Eu não a uso para afirmar que a dor desapareceu. Eu a uso para localizar companhia, continuidade e linguagem dentro do caminho.

VOZ III • A TCI

Um repertório simbólico pode ampliar o modelo disponível ao observador ao introduzir novas relações e possibilidades de sentido. Isso não elimina a ignorância residual nem transforma fé em prova empírica; altera o campo de representação acessível.

CAPÍTULO 14

Ainda há cansaço

VOZ I • PENSAMENTO

Eu poderia terminar essa oração de um jeito bonito, Senhor.

Poderia dizer: agora eu estou renovado. Vamos para cima. Acabou. Aprendi. Venci.

Mas não seria verdade.

Ainda há cansaço.

Ainda há tristeza.

Ainda existe coisa que eu não consigo apreciar mesmo quando está diante dos meus olhos.

Eu penso de novo naquela praia. O mar se estendendo até perder de vista. O céu abrindo espaços de luz entre nuvens. O vento trazendo sal. O som da onda chegando sempre um pouco diferente, ainda que pareça o mesmo.

E eu ali, sem conseguir receber tudo.

Eu vim para um lugar lindo e tudo o que eu conseguia fazer era chorar nos Teus pés.

Isso não diminui o lugar.

Também não diminui a minha oração.

É o que aconteceu dentro de mim.

Pai, eu não quero produzir entusiasmo porque o livro precisa caminhar para um final. Se eu ainda estiver cansado, deixa o cansaço aparecer. Se eu ainda precisar parar, deixa a página ter silêncio. Eu não quero acelerar a alma para entregar ao leitor uma conclusão que eu ainda não alcancei.

Eu vou caminhar mais um pouco.

Talvez seja só isso que eu consigo hoje.

Um pouco.

VOZ II • O AUTOR

Esta passagem recusa um fechamento emocional fabricado. A continuidade não exige euforia. O livro pode avançar enquanto a tristeza ainda está presente, porque o próprio ato de continuar já é parte da trajetória.

VOZ III • A TCI

Trajetórias não precisam apresentar transições monotônicas. Um sistema pode avançar em determinada dimensão enquanto permanece fragilizado em outra. Progresso local e sofrimento residual podem coexistir sem que um anule o outro.

CAPÍTULO 15

Arquiteto da minha casa

VOZ I • PENSAMENTO

A minha casa está em construção, Senhor.

Ainda há muito por fazer.

E eu quero Te chamar para dentro dessa obra.

Não quero apenas Te procurar quando o telhado cair. Quero Te perguntar sobre a fundação. Quero Te levar para ver a parede antes de levantar. Quero Te mostrar o lugar onde eu pretendo abrir uma janela. Quero sentar contigo diante do desenho ainda incompleto e admitir que eu não sei tudo o que estou fazendo.

Eu quero que o Senhor seja o arquiteto.

Eu quero que o Senhor seja o engenheiro.

Eu sei que essa é uma imagem humana. Sei que fé não é planta baixa. Mas é assim que hoje consigo Te pedir presença.

Olha esse terreno.

Aqui houve enxurrada.

Aqui eu preciso de contenção.

Aqui a terra cedeu.

Aqui o jardim perdeu coisa demais.

Aqui ainda nasce alguma coisa espontaneamente.

Aqui eu quero fazer um quarto.

Aqui talvez uma varanda.

Aqui eu quero uma mesa.

Ali eu queria ouvir a água.

E naquele canto eu quero guardar espaço para aquilo que ainda não sei.

Pai, constrói esta casa comigo.

Eu não quero fazer a casa mais bonita para provar alguma coisa para quem me viu na arena. Eu quero fazer a casa mais bonita que eu conseguir porque eu vou viver nela.

Eu quero que meus filhos encontrem paz quando entrarem.

Eu quero que meu corpo aprenda que existe lugar de repouso.

Eu quero que a minha fé deixe de aparecer apenas como defesa e passe a aparecer também como construção.

Fica na obra, Senhor.

VOZ II • O AUTOR

A casa chega aqui à sua forma mais concreta. Ela deixa de ser apenas destino e vira projeto. O pedido por Deus como arquiteto e engenheiro traduz o desejo de uma presença incorporada às escolhas, não restrita aos momentos de colapso.

VOZ III • A TCI

Construção de identidade pode ser modelada como atualização estrutural, não apenas resposta reativa. A trajetória deixa de ser organizada prioritariamente pela perturbação e passa a incorporar propriedades escolhidas: casa, filhos, trabalho, fé, continuidade.

CAPÍTULO 16

Eu vim para um lugar perfeito e tudo o que consigo é chorar

VOZ I • PENSAMENTO

Pai, eu olho mais uma vez para o mar.

A praia continua quase vazia de mundo humano.

Não há barco cortando a linha do horizonte. Não há gente passando atrás de mim. Não há ninguém perguntando por que eu estou parado tanto tempo olhando para a água.

O vento bate.

Uma onda chega.

Outra vem depois.

Eu penso que talvez seja isso que eu consiga levar desse lugar: não uma cura pronta, mas uma imagem que vai ficar comigo.

Eu estava num lugar perfeito e não conseguia apreciá-lo.

Eu chorei.

Falei contigo.

Pedi manual.

Pedi GPS.

Pedi força.

Imaginei um sicômoro.

Imaginei uma mão.

Vi uma casa ao longe.

Abri uma bagagem que ainda não terminei de esvaziar.

E, no fim, continuo aqui.

Talvez um pouco mais perto.

Talvez não seja possível medir.

Eu só sei que não quero voltar.

A arena não é a minha casa.

A dor não é o meu endereço.

A plateia não é a minha família.

Eu ainda estou a caminho, Pai.

E hoje isso precisa bastar.

Obrigado por ficar comigo no caminho que eu ainda não sei explicar.

Amém.

VOZ II • O AUTOR

Eu não encerro com a casa pronta. O material autoral não chegou até lá, e eu não quero inventar uma chegada para satisfazer a forma do livro. O encerramento é uma posição de percurso: ainda há peso, mas também há direção.

VOZ III • A TCI

A TCI preserva abertura. O desconhecido X permanece, e a trajetória futura não está contida integralmente no modelo atual. O que existe ao final deste volume é uma representação ampliada: arena, caminho, presença e casa tornam-se regiões distintas de uma história ainda em processo.

EPÍLOGO

Ainda estou a caminho

VOZ I • PENSAMENTO

Pai.

Eu termino este volume sem terminar a caminhada.

Talvez isso seja o mais verdadeiro que eu consigo escrever agora.

Eu saí da arena, mas ainda escuto algumas vozes quando o vento vem de trás. Eu vi a casa, mas ainda não coloquei todas as pedras. Eu sentei debaixo de um sicômoro. Eu pedi um manual. Eu quis um GPS. Eu abri a bagagem. Deixei algumas coisas no chão. Outras ainda estão comigo.

Eu voltei ao mar.

Na minha memória, aquela praia continua extensa. A água continua indo e voltando. Eu continuo pequeno diante daquela linha do horizonte. Só que hoje, quando lembro, não vejo apenas o homem que foi até ali porque estava cansado demais. Eu vejo também alguém que estava tentando encontrar um caminho.

Eu não encontrei um mapa.

Encontrei uma pergunta.

Encontrei uma imagem de mão.

Encontrei uma casa ao longe.

Encontrei a vontade de pedir: constrói esta casa comigo.

Senhor, eu ainda tenho medo de algumas coisas. Ainda me irrita. Ainda há situações que me puxam para a arena com uma força que eu gostaria de não sentir. Ainda existem dias em que a paisagem está bonita e eu não consigo apreciá-la.

Eu não vou esconder isso só porque cheguei ao epílogo.

Mas também existe uma diferença.

Agora eu sei para onde quero caminhar.

E quando eu não souber exatamente onde colocar o pé, eu vou lembrar daquela contemplação: não precisa existir GPS para existir companhia.

Pai, eu ainda estou a caminho.

Caminha comigo.

Amém.

VOZ II • O AUTOR

O livro termina no mesmo lugar em que sua tese central se torna mais nítida: continuidade não é chegada. Eu não preciso apresentar a casa concluída para reconhecer que a direção mudou. A honestidade deste volume está em manter aberto aquilo que ainda está aberto em mim.

VOZ III • A TCI

A trajetória permanece incompleta e, por isso, o desconhecido não é defeito editorial. X continua presente. O modelo atual contém mais propriedades do que no início do percurso, mas não contém o futuro. $M(t_{\text{final}} \text{ do livro})$ não é R integral.

Caderno conceitual - TCI neste volume

1. ARENA, CAMINHO E CASA

Neste volume, arena, caminho e casa funcionam como regiões de representação. A arena concentra ameaça, exposição e resposta. O caminho introduz transição, memória e esforço. A casa reúne propriedades de construção, pertencimento, filhos, trabalho, fé e continuidade. Nenhuma dessas regiões equivale sozinha à realidade inteira.

2. PERSISTÊNCIA CAUSAL

Sair de um ambiente não encerra instantaneamente seus efeitos. Marcas, hábitos de atenção e respostas corporais podem continuar ativos. A trajetória carrega história; por isso, a mudança espacial ou decisional pode anteceder a mudança interna.

3. O OBSERVADOR NO SISTEMA

O mar diante de mim e o calor dentro de mim mostram que o observador não é um receptor neutro. O mesmo ambiente é percebido através da trajetória acumulada. Na forma resumida: $M = \Phi(O, R)$. O modelo M depende da realidade acessível e das condições do observador O .

4. IGNORÂNCIA RESIDUAL

O pedido por um GPS é o desejo de reduzir incerteza. A recusa do mapa total preserva uma condição central da TCI: sempre permanece informação não acessada, variável não observada e futuro não comprimido. A decisão ocorre dentro dessa incompletude.

5. IDENTIDADE COMO PROCESSO

O leão ferido da arena pertence à trajetória, mas não esgota a identidade. Identidade é processo: estados anteriores persistem como história sem obrigar repetição integral. O fato de eu ter ocupado a arena não significa que eu precise continuar sendo aquele leão.

Síntese: $M_{arena} \subset M_{vida}$; $M_{caminho}$ atualiza M sem encerrar R ; $identidade(t) = \text{processo, não estado isolado}$.

Referências

BÍBLIA SAGRADA. Referências evocadas neste volume: Mateus 7:24-25; Isaías 43:18-19; Lucas 19:1-10; 2 Coríntios 5:17; Gálatas 2:20; Filipenses 1:21; Romanos 5:20; Salmo 23:4; João 16:33.

BATISTA, Nedson Moreira. Teoria da Compressão da Ignorância e da Perturbação Sistêmica (TCI). Versão 16.0. DOI: 10.5281/zenodo.21315591.

BATISTA, Nedson Moreira. Deus: Como Eu Te Observo. Volume VI - Ainda Quero Viver. Monte Mor, 2026.

Sobre o autor

Nedson Moreira Batista é pesquisador independente e profissional de atuação interdisciplinar, com formação e experiência nas áreas de saneamento ambiental, química, regulação sanitária, conformidade regulatória, auditoria, qualidade, gestão de riscos, ciência de dados, inteligência artificial e sistemas complexos.

É autor da Teoria da Compressão da Ignorância e da Perturbação Sistêmica (TCI), programa independente de pesquisa dedicado à relação entre observador, representação, incerteza, trajetória e tomada de decisão. Em sua produção literária religiosa, escreve a série Deus: Como Eu Te Observo, construída a partir de orações, contemplações e pensamentos em primeira pessoa.

Neste projeto, a escrita preserva a diferença entre confissão de fé, construção literária e formalização teórica. A oração permanece oração. A teoria permanece teoria. O autor permanece dentro do sistema que observa.